

ENCONTRO NACIONAL DA INDÚSTRIA



O problema da baixa produtividade brasileira começa na escola, e o País precisa se planejar para expandir o acesso e intensificar a qualidade do sistema educacional. Essa é a opinião de especialistas que participaram do painel *Competitividade: desafios para as áreas de educação e inovação*, dentro do Encontro Nacional da Indústria 2013 (Enai), realizado em Brasília/DF, em dezembro.

O Enai, promovido anualmente pela Confederação Nacional da

Indústria (CNI), reúne empresários e líderes de entidades de representação da indústria, dos seus diversos setores e de todos os estados do Brasil. Seu objetivo é pensar e discutir alternativas para o fortalecimento da indústria nacional e a criação de novas fontes de dinamismo econômico no País.

Esse foi o 8º Encontro e contou com 2,3 mil participantes. Com o tema *O Brasil e os desafios da economia mundial*, o evento

CNI promove debate anual e a educação é um dos temas abordados



foi composto por sete sessões temáticas, que abordaram assuntos como acordos internacionais, competitividade, educação, inovação, relações de trabalho, infraestrutura e tributação. A partir dessas discussões, a CNI vai preparar um conjunto de 43 propostas que será entregue aos candidatos à Presidência da República, em 2014.

O Encontro contou com a presença da presidente Dilma Rousseff e de diversos ministros de Esta-

do, entre eles Guido Mantega, da Fazenda, Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, e Aloizio Mercadante, da Educação.

Debate

O painel *Competitividade: desafios para as áreas de educação e inovação* teve como debatedores o secretário executivo do Ministério da Educação (MEC), José Henrique Paim, o governador do estado de Minas Gerais,

Antonio Anastasia, o assessor da Presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), David Kupfer, o presidente do Conselho de Administração da Gerdau, Jorge Gerdau Johannpeter, o diretor de Operações do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Gustavo Leal, e o professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e membro do Conselho de Governança do Movimento Todos pela Educação, Mozart Neves Ramos.



Presidente Dilma Rousseff e ministros de Estado participaram da abertura do Enai 2013

Na avaliação dos participantes, a baixa qualidade da educação está no centro das razões para que o Brasil seja uma das economias mais mal avaliadas no quesito competitividade. O baixo investimento focado nessa política e a falta de gestão dos recursos deixaram o País com anos de atraso em relação a seus concorrentes internacionais, e isso só vai mudar se governos e sociedade atuarem de forma sistêmica para atacar esses fatores.

Desafios educacionais

Representando a CNI, Gustavo Leal ressaltou que os desafios estão prioritariamente no ensino fundamental, com a melhoria nos indicadores de proficiência em matemática, língua portuguesa e ciências, e no ensino médio. Ele destacou que o perfil generalista desse nível de educação leva em conta que todos os jovens irão para a universidade. A realidade,

porém, é que menos de 20% dos jovens brasileiros hoje estão no ensino superior. “Precisamos criar alternativas educacionais que incluam essas pessoas, de modo a oferecer-lhes um caminho de formação profissional”, disse Leal. Ele analisou que o ensino técnico, por ter diálogo mais forte com o setor produtivo, deve ser valorizado como alternativa de carreira. “Se não criarmos condições para que os jovens possam se qualificar adequadamente para trabalhar pelo desenvolvimento social e econômico do Brasil, estaremos desperdiçando nosso bônus demográfico. A juventude brasileira é nosso ativo mais valioso, não podemos perdê-la”, complementou.

Aliado a isso, o professor Mozart Neves Ramos defendeu que a oferta dos cursos de educação profissional precisa dialogar com a demanda da economia local, para que se garanta a empregabilidade dos jovens.



Painel
*Competitividade:
desafios para as áreas
de educação e inovação*

Já o secretário executivo do MEC, José Henrique Paim, defendeu que os desafios estão em todos os níveis da educação, da pré-escola até a educação profissional, e argumentou que os resultados das políticas atuais deverão ser percebidos apenas daqui a uma geração. “Nosso investimento em educação é historicamente baixo. Destinamos à política três vezes e meia menos que a média dos países da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico)”, ressaltou. Ele citou como desafios o acesso a creches e pré-escola e a readequação do currículo do ensino médio, que deverá se voltar para áreas do conhecimento em lugar da divisão por disciplinas.

Inovação

O diagnóstico sobre a baixa produtividade brasileira ainda não é suficientemente claro, segundo o assessor da Presidência do

BNDES, David Kupfer. No que diz respeito à educação, ele sugere que o caminho seja o de aprofundar a qualidade e ampliar a cobertura. “Não vamos conseguir isso se seguirmos apenas uma dessas direções. Isso deve ser planejado e pactuado politicamente entre sociedade e governos”, avaliou.

Jorge Gerdau Johannpeter reforçou que a educação é a peça-chave para o desenvolvimento. “Os principais pontos fracos da nossa educação estão essencialmente na educação básica, e devemos analisar o que fazer para vencer os desafios, como o alto índice de analfabetismo funcional, por exemplo.” Gerdau lembrou ainda que a falta de produtividade não está apenas dentro das empresas. “É preciso que o governo assuma a gerência de problemas críticos, como o custo logístico e a elevada carga tributária”, encerrou. ■

Fonte: Portal da Indústria